

Conservação preventiva de edifícios e sítios históricos: pesquisa e prática

Claudia S. Rodrigues de Carvalho¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i18p141-153>

Resumo

O artigo apresenta um panorama das ações para conservação preventiva de edifícios e sítios históricos, implementadas a partir de resultados de pesquisas aplicadas. Considerada ponto de partida nas políticas de preservação do patrimônio, a conservação preventiva baseia-se no conhecimento dos processos de deterioração dos bens culturais, e a sua eficácia depende da integração entre a atuação prática e a pesquisa científica. Destaca-se a importância dada para a relação entre as coleções e os edifícios que as abrigam, no desenvolvimento das ações preventivas voltadas aos bens móveis como meio de expandir a conservação arquitetônica preventiva no cenário internacional.

A trajetória nacional das últimas duas décadas neste campo expõe o contexto das atividades da autora voltadas para o estabelecimento de uma metodologia para estratégias de conservação preventiva, no âmbito do Plano de Conservação Preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, que coordena desde o final da década de 1990.

Os resultados relatados, disponibilizados no website criado para este fim, contribuem para a aplicação da abordagem preventiva com rigor teórico, metodológico e científico, bem como evidenciam a necessidade de se avançar no campo normativo e legislativo no caso brasileiro.

Palavras-chave: Preservação do patrimônio arquitetônico. Conservação preventiva.

Abstract

The article presents an overview of preventive conservation actions related to historic buildings and sites based on research outcomes. Considered a starting point for preservation policies, preventive conservation relies on the knowledge of deterioration processes of cultural heritage, and its effectiveness depends on the integration between practices and scientific research. The importance given to the relationship between collections and the buildings that house them, within the framework of preventive conservation of movable heritage is highlighted as a means of expanding the preventive architectural conservation in the international scene.

The national development, in this specific field, of the last two decades shows the context of the author's experience focused on the establishment of a preventive

conservation methodology for strategies in the scope of the Preventive Conservation Plan for Rui Barbosa's Historic House Museum, in Rio de Janeiro.

The reported results, available through specific website, are a contribution for the implementation of preventive conservation for immovable heritage with theoretical, methodological and scientific rigour, and emphasizes the need to advance the regulatory and legislative field in the Brazil.

Key-words: Preventive Architectural Conservation, Monuments and Sites

Na atualidade percebe-se um interesse crescente pela conservação preventiva do patrimônio edificado. No entanto, a abordagem preventiva de bens imóveis vem desde a Antiguidade, com aquisições significativas no século XIX, e maior desenvolvimento no século XX.

Em seu livro *A History of Architectural Conservation*, Jukka Jokkilehto destaca que a preservação entendida como o cuidado permanente com os edifícios, não é um assunto novo, e já estava presente desde os escritos de Vitruvius; e ainda que, com John Ruskin e William Morris, a questão foi sistematizada com a fundação da SPAB (Society for the Protection of Ancient Buildings) em 1877, cuja finalidade era promover a manutenção e tratamento conservativo, em contrapartida à restauração como forma a transmitir os monumentos para as gerações futuras.²

A abordagem preventiva para o cuidado com edifícios históricos figura na literatura assim como nas políticas europeias – Áustria, França, Alemanha, Holanda e Bélgica – desde o século XIX, surgindo nos Estados Unidos a partir dos anos 1970.

Nos documentos e normativas do campo disciplinar da preservação, percebe-se também a preocupação com a prevenção desde a primeira carta do restauro, a Carta de Atenas para Restauração de Monumentos Históricos, de 1931, que menciona a necessidade de “*adoção de um sistema de manutenção regular e permanente, apropriada para assegurar a preservação dos edifícios*”.³

A Carta de Veneza (1964), International Council on Monuments and Sites (ICOMOS) em 1966, enfatiza que é essencial para a conservação dos monumentos históricos que eles sejam mantidos de forma permanente.⁴

Mais recentemente a carta de 2003 do ICOMOS, *Princípios para análise, conservação e restauração das estruturas do patrimônio arquitetônico*, apresenta recomendações para garantir métodos de análise racionais e métodos de reparação mais adequados na prática da conservação e do restauro e enfatiza, na seção que trata das medidas

curativas, que a terapia deve ser dirigida às causas e não aos sintomas, sendo a melhor terapia a manutenção preventiva.⁵

O termo conservação preventiva vem sendo mais usado no campo dos museus, e aqueles que trabalham com bens móveis ganharam mais confiança e experiência no campo da prevenção, que apresentou grande desenvolvimento nas últimas décadas, notadamente a partir dos anos 1990. Referindo-se à identificação de causas ou agentes de deterioração que comprometem a longevidade dos objetos, muitos protocolos já estão estabelecidos para o controle ambiental, para o controle integrado de pestes, para a implantação de planos de emergências, bem como foram desenvolvidas ferramentas de identificação e gerenciamentos de riscos; como observou um dos precursores neste campo, Gael de Guichen, no seu artigo intitulado “Conservacion preventiva: em que punto nos encontramos em 2013?”.⁶

No referido texto, o autor traça um panorama desde a publicação, em 1999, do número especial da revista *Museum* dedicado à conservação preventiva, que trazia em seu editorial a seguinte pergunta: “Conservação preventiva: simples moda passageira ou modificação profunda?”.⁷

Cabe destacar do texto de Gael o grande esforço empreendido desde então para a adoção de uma definição que alcançasse os profissionais ao redor do mundo, de modo que todos pudessem falar a mesma coisa, entenderem e se fazerem entendidos.

Na XV Conferencia Trienal do International Council of Museums - Committee for Conservation (ICOM-CC) em Nova Delhi, na Índia, em 2008, 97% dos votantes validaram a seguinte definição para conservação preventiva:

conjunto de medidas e ações voltadas para evitar e minimizar a deterioração futura e a perda. São desenvolvidas no contexto ou no entorno de um objeto, ou mais frequentemente de um grupo de objetos, qual seja a sua idade e condição. Estas medidas são indiretas – não interferem no material nem na estrutura dos objetos. Não modificam a sua aparência.

A mesma definição foi validada por 97% dos votantes na Assembleia Geral do ICOM, realizada em Shanghai em 2009, sendo a partir de então adotada em todas as partes do mundo.

Nos anos 2000, ainda com Gael, a conservação preventiva se tornou tema de estudos e pesquisas, fazendo parte de cursos de mestrado e doutorado em vários países, assim como as publicações sobre o tema se multiplicaram. Na biblioteca do International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural

Property (ICCROM) foram registrados 406 livros ou artigos contendo no título o termo Conservação Preventiva, em 2013.

Ao mesmo tempo verifica-se o aumento do número de equipes multidisciplinares com conservadores-restauradores, arquitetos, físicos, químicos, arqueólogos, administradores. E o autor conclui que a “moda” da conservação preventiva não foi passageira e pode-se verificar uma grande transformação nas ações para preservação do patrimônio nestes últimos anos.

Muitos países já contam com Planos Nacionais para a conservação preventiva, como é caso da Espanha. O Plano Nacional de Conservação Preventiva é uma iniciativa do Instituto do Patrimônio Cultural Espanhol, sendo parte da política estatal de preservação do patrimônio. É um plano que altera a abordagem da preservação e abrange não só aspectos técnicos, mas também é voltado para o desenvolvimento de modelos organizacionais e de gestão, para coordenar e fomentar ações baseadas em estratégias de conservação preventiva, prevendo quatro linhas de atuação: estudos e investigação; projetos piloto; formação e difusão.⁸

O grande desenvolvimento experimentado nos anos 1990 no campo da conservação preventiva de bens móveis propiciou um melhor entendimento das relações entre as coleções e os edifícios históricos nos quais muitas delas estavam abrigadas, em função do papel que esses edifícios desempenham na mediação entre o ambiente exterior e interior no estabelecimento de estratégias de controle ambiental. Por esse motivo, uma atenção maior foi dada à conservação do tecido construído dos edifícios, gerando demanda para metodologias de diagnóstico. Só para citar um exemplo, o GCI estabeleceu no final dos anos 1990 uma metodologia para a elaboração de diagnósticos de conservação: *The conservation assessment: a proposed model for evaluating museum environmental management needs*, organizada por Kathleen Dardes, que propõe a análise integrada do macroclima, do edifício, das coleções e dos aspectos organizacionais que impactam sobre sua preservação.⁹

Outro exemplo do desenvolvimento da visão integrada edifício-acervo está apresentada na Carta de New Orleans, de 1993, adotada pelas instituições americanas de conservação do patrimônio cultural, que estabelece princípios para a preservação conjunta de edifícios históricos e das coleções que abrigam.¹⁰

No caso dos bens imóveis – edifício e sítios históricos – pelas suas dimensões, escala, função e uso, a preservação baseada na abordagem preventiva comporta desafios conceituais e técnicos. A conservação arquitetônica preventiva envolve inspeções

frequentes e informadas, intervenções mínimas e soluções que minimizem os riscos. Envolve ainda, e principalmente, uma mudança de ponto de vista, passando das ações de preservação singulares e espaçadas no tempo para o entendimento de que a conservação se constitui em um processo. O desafio de incorporar à preservação do patrimônio construído estratégias de conservação preventiva reside não só na necessidade de desenvolvimento de ferramentas apropriadas e suporte tecnológico, mas também no desenvolvimento de políticas adequadas de tutela e gestão.

Uma das iniciativas pioneiras no campo da conservação arquitetônica preventiva foi implementada na Holanda na década de 1970. Trata-se de um serviço de inspeção para monumentos históricos protegidos, subsidiado pelo governo – o “Monumentenwacht”. Foi idealizado a partir da experiência profissional do arquiteto Walter Kramer, funcionário do Departamento de Patrimônio Cultural Holandês, que avaliou que o ciclo de restauração de monumentos, que gira em torno de 25 a 50 anos, poderia ser postergado, com ações de manutenção, significando assim uma considerável economia de recursos. A partir de uma pequena organização que prestava consultoria aos proprietários de bens tombados, o serviço logo se provou de grande eficiência, e é, hoje em dia, a maior organização holandesa no campo da manutenção do patrimônio cultural. O princípio da Organização é de que a inspeção regular de um monumento deve ser o primeiro passo da sua preservação. Inspeções regulares e pequenas ações de manutenção podem ajudar a prevenir grandes danos.

Seguindo o modelo holandês, foi fundada uma seção na Bélgica (Flanders) em 1991, cuja estrutura comporta uma agência central e cinco braços operacionais regionais atuando em duas frentes: uma que se ocupa dos edifícios específicos e outra que cuida da difusão dos conceitos através de publicações e seminários. O serviço de inspeção arquitetônica conta também com inspeções dos interiores, e está voltado para edificações tombadas e não tombadas em um sistema de associação no qual os associados pagam uma taxa anual que dá direito a utilização dos serviços. Para promover o aumento da consciência de que um dano maior é resultado de um dano menor que não foi tratado a tempo, a organização estabelece parcerias com instituições científicas e centros de pesquisa relacionados à conservação arquitetônica.¹¹

Na mesma linha, o Reino Unido estabeleceu o programa – “Maintain our Heritage”, em 1999, resultante de uma parceria entre o English Heritage, o Heritage Lottery Found, o Department of Trade and Industry, que foi estabelecido para promover uma estratégia sustentável para o cuidado com os edifícios históricos com ênfase na manutenção. Em 2003, com o objetivo de divulgar as ações do programa, foi lançado o relatório “Historic Building Maintenance – A Pilot Inspection Service” com o objetivo

de demonstrar na prática que é técnica e legalmente possível estabelecer e operar um serviço de proteção dos edifícios históricos com a proeminência da manutenção no lugar das grandes intervenções de restauro.¹²

À medida que a conservação preventiva (entendida como uma filosofia proativa que tem como objetivo garantir a longevidade do patrimônio construído) desperta o interesse dos profissionais da preservação, há uma demanda crescente por informação que propicie o desenvolvimento de instrumentos legais, políticas, aplicações de campo e também ferramentas e técnicas apropriadas que garantam a sua implementação. Já existe uma consciência de que a conservação preventiva do patrimônio arquitetônico envolve aspectos técnicos e de gestão, de grande inovação, que demandam uma reflexão mais ampla e uma transversalidade multidisciplinar.

Várias instituições vêm se dedicando ao desenvolvimento de pesquisas e ao estabelecimento de protocolos que constituam uma metodologia para a execução das atividades de prevenção e manutenção, também com o objetivo de manter o estado dos monumentos restaurados, em função do investimento realizado, reduzindo assim os custos futuros. Neste campo destaca-se a trabalho do Institute for Sustainable Heritage.¹³

Para alçar definitivamente a conservação preventiva à pauta do campo e da prática da proteção do patrimônio edificado foi lançada pela UNESCO em 2009 uma Cátedra específica para tratar do tema, denominada PRECOM³OS – Preventive Conservation, Maintenance and Monitoring of Monuments and Sites. A partir da iniciativa do Centro Internacional para a Conservação Raymond Lemaire (RLICC) da Universidade Católica de Leuven (Bélgica) e do Monumentenwacht belga, se estabeleceu uma rede de especialistas e profissionais com a missão de apoiar as ações da cátedra e proporcionar uma reflexão sobre o quadro atual da conservação preventiva, estabelecendo um fórum para troca de experiências ou necessidade de novas pesquisas. Segundo Koenraad Van Balen, titular da cátedra, o objetivo é estabelecer um conhecimento científico capaz de estimular o desenvolvimento de experiências no campo da prevenção, tornando a preservação do patrimônio cultural mais sustentável não só em nível técnico, mas também social. No âmbito do PRECOM³OS a definição para conservação preventiva aplicada aos bens imóveis é de

uma filosofia proativa que tem como objetivo garantir a longevidade do patrimônio construído. Contempla a adoção de medidas para mitigar riscos potenciais que constituam causas de deterioração futura, apropriadas ao contexto histórico e de uso do edifício, aliadas a um processo de documentação frequente e acessível que subsidie uma avaliação permanente de resultados.

Acessando o website da cátedra pode-se conferir os desenvolvimentos mais recentes neste campo em todo o mundo, incluindo a América Latina e a Ásia.¹⁴

No Brasil, podemos traçar a trajetória da conservação preventiva a partir da década de 1990. Uma das iniciativas mais expressivas foi o Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA), idealizado em 1994 por grupo formado por representantes de 19 instituições, entre arquivos, bibliotecas, museus e universidades. O projeto promoveu a seleção e tradução de títulos sobre a conservação preventiva de livros e documentos, de filmes, fotografias e meios magnéticos. Esses textos tratam do planejamento e do gerenciamento de programas institucionais, do controle das condições ambientais, da prevenção contra riscos e do salvamento de coleções, em situações de emergência, da armazenagem, conservação e reformatação, envolvendo os recursos da reprodução eletrônica, da microfilmagem e da digitalização. Este projeto construiu uma plataforma na internet, promovendo informação que até então era de difícil acesso. O trabalho contou com o apoio técnico e financeiro de Vitae, Apoio à Cultura e Promoção Social e das organizações norte-americanas The Andrew W. Mellon Foundation e The Commission on Preservation and Access.¹⁵

O grande marco para as realizações que trataram de edifícios e coleções foi o Diagnóstico das Condições de Conservação do Acervo do Museu de Arte Sacra, em Salvador - Bahia, em 1998. Esse projeto foi realizado através de uma parceria entre o Getty Conservation Institute, a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Federal de Minas Gerais, e a Fundação Vitae. A metodologia empregada no trabalho, estabelecida pelo GCI e mencionada anteriormente, foi utilizada pela primeira vez para avaliar as condições ambientais adversas (quentes e úmidas) para a preservação de edifícios e coleções.

O objetivo era de testar a adequação e a relevância dessa metodologia quando aplicada a museus no Brasil, verificando a sua pertinência entre arquitetos e conservadores. A experiência teve um ótimo resultado, e serviu de paradigma para uma abordagem lógica à tarefa de identificar e priorizar os problemas de conservação preventiva nas instituições brasileiras.

A partir desta experiência o Getty Conservation Institute estabeleceu uma parceria com a Fundação Vitae, e participou de vários projetos de melhoramento climático desenvolvidos no Brasil. Dentro de uma iniciativa específica – Alternative Climate For Historic Buildings in Tropical Areas, coordenado pelo cientista do GCI Shin Maekawa, foram realizados o projeto para a reserva etnográfica amazônica do Museu Paraense

Emílio Goeldi, em Belém do Pará, e a biblioteca do Museu Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, tendo como consultora a Arquiteta Franciza Toledo.¹⁶

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) é a instituição científica mais antiga ainda em atividade na região amazônica e o segundo museu de história natural mais antigo no Brasil. Possui uma coleção etnográfica do Amazonas que consiste em 15.000 objetos de diferentes grupos étnicos: objetos usados na agricultura, pesca, caça, no preparo de alimentos, cerimônias e celebrações. Classificados segundo região e tribo, eles são na maioria cestaria, instrumentos e ornamentos, feitos de fibras vegetais, madeira, sementes e penas de aves.

A temperatura e umidade relativa altas, que promovem a atividade de fungos e bactérias durante todo o ano na região amazônica, comprometem a preservação dessas coleções e por isso foram desenvolvidas estratégias para a melhoria ambiental visando à preservação da coleção.

Os aparelhos de ar-condicionado de janela utilizados foram substituídos por um método inovador de controle climático, de baixo custo de instalação, de baixo custo operacional, tecnologicamente robusto e capaz de manter um ambiente de conservação estável, mesmo em um período longo de falta de energia.¹⁷

Na Fundação Casa de Rui Barbosa, essa cooperação técnica permitiu a instalação de um sistema de controle ambiental para a biblioteca Rui Barbosa, que mencionaremos a seguir.

No início do ano 2000, a conservação preventiva passou a ser disciplina de vários cursos de graduação e pós-graduação, destacando-se a sua adoção no curso de mestrado profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE) da Universidade Federal da Bahia.¹⁸

Dentre os trabalhos publicados cabe destacar a edição do *Manual de conservação preventiva para edificações*, editado em 1999 pelo Programa Monumenta/Iphan, de autoria de Griselda Pinheiro Klüppel e Mariely Cabral de Santana.¹⁹

Várias iniciativas de capacitação vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos, envolvendo instituições públicas, universidades e organizações não governamentais, sendo que a maioria está focada na conservação preventiva de bens móveis.

Como exemplo de aplicação da abordagem preventiva em instituição cultural, aliando

pesquisas, ações e estratégias de gestão, apresentamos aqui um pouco da nossa experiência na coordenação do Plano de Conservação Preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa, que vem sendo desenvolvido desde 1998 e já apresenta resultados importantes do ponto de vista técnico e também organizacional.

A Casa de Rui Barbosa foi um dos primeiros monumentos nacionais a serem tombados pelo Iphan, em 1938, em reconhecimento ao seu valor histórico e artístico pelo fato de o edifício ser um importante exemplar da arquitetura urbana de matriz classicizante e abrigar importante acervo, com destaque para a coleção bibliográfica composta por mais de 30.000 títulos.

Ao longo dos anos, a Casa foi objeto de inúmeras intervenções pontuais de manutenção e passou por duas intervenções de maior porte, de caráter restaurador. A primeira, nos anos 1970, foi muito extensa, atingindo quase a totalidade do edifício, desde o porão até a cobertura e a segunda, nos anos 1980, tinha como objetivo incluir a Ala de Serviços, fechada desde a abertura do Museu, no circuito de visitação.

O Plano de Conservação Preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa tem como princípio mitigar as causas de deterioração e reduzir as vulnerabilidades do conjunto e vem se desenvolvendo na prática através de ações multidisciplinares, técnicas e organizacionais, bem como de parcerias e cooperações técnicas no campo da pesquisa para preservação do patrimônio.

Em 2004, foi iniciada uma cooperação técnica com Getty Conservation Institute e com o patrocínio de Vitae, Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social que resultou na instalação, em 2006, do sistema de controle climático na Biblioteca Rui Barbosa.

A partir de 2005 o Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico possibilitou o desenvolvimento de pesquisas aplicadas para o correto estabelecimento de metodologias para estratégias de conservação preventiva. Desde então, já foram realizados estudos para a conservação programada das coberturas e dos elementos de madeira, das alvenarias e seus revestimentos internos, dos papéis de parede e das superfícies arquitetônicas externas.

As pesquisas estão focadas na identificação dos riscos sobre bens culturais e no desenvolvimento de métodos que reduzam ou eliminem esses riscos, a partir de uma abordagem sustentável. Constituem instrumentos para o conhecimento do edifício, de sua constituição e sua história, além de análises, diagnósticos e planejamento de futuras intervenções sem emergência, evitando assim os trabalhos fragmentados e

urgentes.

Como forma de promover os estudos neste campo, em 2011 foi realizado, na Fundação Casa de Rui Barbosa, o 1º Encontro de Conservação Preventiva do Patrimônio Cultural: a Interface Edifício e Coleções, que teve mais de 250 inscritos. O objetivo do Encontro era o de estabelecer e discutir informações relacionadas a projetos e pesquisas para a conservação preventiva. Durante o evento foram levantadas questões relativas à formação profissional, para elaborar e gerir planos de conservação preventiva, e ao desenvolvimento de sistemas de informação, para documentar e programar a conservação preventiva.

Neste sentido, com o objetivo de estabelecer suporte teórico metodológico para subsidiar o desenvolvimento de diagnósticos de conservação, planejamento para monitoramento, tecnologias inovativas para intervenção conservativa; bem como estabelecer uma rede de formação e comunicação no campo da conservação preventiva foi criado, sob nossa liderança e com vice-coordenação da Prof. Dra. Griselda Kluppel, o grupo de pesquisa no CNPq Conservação Preventiva de Edifícios e Sítios Históricos, reunindo profissionais com interesse e experiência no campo. O grupo inclui, além da equipe de arquitetos e bolsistas da Fundação Casa de Rui Barbosa, profissionais e pesquisadores do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e da Universidade Católica do Porto - UCP.

Destacam-se nas atividades do grupo a construção de uma bibliografia sobre o tema, bem como o desenvolvimento da pesquisa “Documentação para preservação”.

A pesquisa versa sobre o desenvolvimento de um processo contínuo de documentação sobre o conjunto edifício-acervo do Museu Casa de Rui Barbosa, que sirva de instrumento de monitoramento e controle para sua preservação, gerenciamento e uso. Tem dentre seus objetivos o estabelecimento de um sistema de informações apropriadas e atualizadas relativo à história, ao valor de patrimônio, à materialidade, às intervenções passadas e às condições atuais do bem cultural. O resultado da pesquisa é também um primeiro resultado do trabalho do grupo de pesquisa e consiste de um website, que apresenta as ações de conservação preventiva e preservação arquitetônica implementadas no Museu Casa de Rui Barbosa, permitindo sua divulgação para especialistas e o público em geral. Sua execução teve apoio da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa (FAPERJ) e cooperação de duas empresas especializadas.²⁰

Para os pesquisadores e arquitetos permitirá, a partir de agora, o fornecimento de subsídios para o controle das intervenções e transformações que impactam sobre o monumento, visto que todas as experiências precedentes estão ali apresentadas, permitindo a consulta rápida e direta. Funciona, portanto, como um banco de dados das ações já realizadas, evitando retrabalhos e repetição de erros.

A agilidade e facilidade no acesso torna essa interface com o usuário externo muito mais simples e direta, aumentando o alcance e a propagação das ideias apresentadas. Procurou-se explicitar, através da própria estrutura do *website*, a metodologia para desenvolvimento de um processo documental para um bem cultural, servindo também como referência para outras instituições afins que queiram implementar experiência similar.

Através da disseminação dos resultados e da metodologia utilizada na pesquisa estão sendo oferecidos parâmetros para o estabelecimento de políticas públicas que incentive a integração da documentação como ferramenta imprescindível para os processos de preservação do patrimônio no contexto nacional, bem como a adoção de medidas de conservação preventiva em um âmbito mais amplo. Na sequência, o website se tornará uma plataforma para intercâmbio de experiências e informações no campo da conservação preventiva, contribuindo também para a formação na área. A conservação preventiva é um conceito em expansão, tendo em vista que os resultados das suas ações são de quantificação difícil porque a desaceleração dos processos de deterioração material pode levar um longo período para ser percebida e a sua adoção depende de uma mudança de abordagem administrativa que a encare como uma estratégia de ação.

Experiências valiosas e bem sucedidas, no Brasil e no exterior, para a conservação preventiva de monumentos e sítios demonstram a viabilidade desta abordagem, que preserva a autenticidade material e reduz os custos, a médio e longo prazo, com a preservação do patrimônio cultural.

Muito dificilmente este campo poderá se expandir no Brasil sem um instrumento normativo capaz de valorizar a conservação preventiva como atividade profissional, ou mesmo fomentar as ações de pesquisa e inovação tão necessárias nesta área. Trabalhamos para aumentar a sinergia entre as atividades de pesquisa e a prática deste setor, e esperamos que em um futuro bem próximo, a conservação preventiva alcance, de fato, a posição de pedra angular das políticas de preservação do patrimônio cultural brasileiro, com respaldo legislativo e normativo.

Notas

(1) Arquiteta, doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Tecnologista sênior da Fundação Casa de Rui Barbosa – Ministério da Cultura. Professora do curso de Especialização em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, do Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Preservação de Acervos de C&T, do Museu da Astronomia e do Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio da FAU – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(2) JOKILEHTO, Jukka. *A history of architectural conservation*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1999. p.186.

(3) CURY, Isabelle (Org). *Cartas patrimoniais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições do Patrimônio, 2000. p. 13-19.

(4) Idem, p. 91-95

(5) ICOMOS. *Princípios para análise, conservação e restauração das estruturas do patrimônio arquitetônico*. Disponível em: < http://www.international.icomos.org/charters/structures_f.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2014.

(6) GUICHEN, Gael. Conservacion preventiva: em que punto nos encontramos em 2013?. *Revista Patrimônio Cultural de España*, n.7, p. 15-24, 2013.

(7) Título original do artigo: *Preventive conservation: a mere fad or far-reaching change?*

(8) Ver texto completo do *Plan Nacional de Conservacion Preventiva*. Disponível em: <<http://ipce.mcu.es/conservacion/planesnacionales/preventiva.html>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

(9) Ver texto completo em:<http://www.getty.edu/conservation/publications_resources/pdf_publications/pdf/assessmodeleng.pdf8>. Acesso em: 20 nov. 2014.

(10) A Carta de New Orleans foi adotada pelas seguintes instituições americanas: AIC – American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works, NCSHPO – National Conference of State Historic Preservation Officers, APT International – The Association for Preservation Technology International e AAM – American Association for Museums.

(11) Ver: <<http://www.monumentenwacht.be/>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

(12) Ver: <<http://www.maintainourheritage.co.uk/>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

(13) Ver: <<http://www.bartlett.ucl.ac.uk/heritage>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

(14) Ver: <<http://www.precomos.org>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

(15) O Projeto Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas encontra-se atualmente junto a Associação dos Arquivistas de São Paulo, em seu website (<<http://www.arqsp.org.br/cpba/>>) é possível fazer download dos 53 títulos traduzidos, bem como de produções brasileiras entre as quais encontra-se o texto da autora *O Espaço como elemento de preservação de acervos com suporte em papel*.

(16) Ver: http://www.getty.edu/conservation/our_projects/science/climate/climate_partners.html. Acesso em: 22 nov. 2014.

(17) MAEKAWA, Shin. Estratégias alternativas de controle climático para instituições culturais em regiões quentes e úmidas. In: BITTENCOURT, J.N.; GRANATO, M.; BENCHETRIT, S. *Museus, ciência e tecnologia (Livro do Seminário Internacional)*. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2007. p.224-244.

(18) Ver: <www.cecre.ufba.br/disciplinas.htm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

(19) KLÜPPEL, Griselda Pinheiro; SANTANA, Mariely Cabral de. *Manual de conservação preventiva para edificações*. Brasília: Programa Monumenta, 2000. Disponível em: <www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo>. Acesso em: 22 nov. 2014.

(20) O website que documenta as ações do Plano de Conservação Preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa está no portal da Instituição: <www.casaruibarbosa.gov.br/conservacaopreventiva>.

Referências

ASSOCIATION FOR PRESERVATION TECHNOLOGY. *New Orleans Charter for joint preservation of historic structures and artifacts*. 1992. Disponível em: <<http://cool.conservation-us.org/bytopic/ethics/neworlea.html>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

CANZIANI, Andrea (org). *Conservare l'architettura: Conservazione programmata per Il patrimonio architettonico del XX secolo*. Milão: Mondadori Electa S.p.A., 2009.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de ; COELHO, Carla M.T. The Conservation assessment as a tool for cultural heritage identification, monitoring and evaluation. In: Silvio Mendes Zancheti; Katriina Similä. (Org.). *Measuring heritage conservation performance*. Roma: ICCROM; Recife: CECI, 2012. p. 82-89.

CASSAR, May. *Interdiscipinarity in preventive conservation*. Londres: UCL, 2006. Disponível em: <<http://www.ucl.ac.uk/sustainableheritage/interdisciplinarity.pdf>>.

DARDES, Kathlenn. *The conservation assessment: a proposed model for evaluating museum environmental management needs*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1998.

FINKE, Alice L. *Implementing preventive architectural conservation: do historic propoerty stewards in the United States possess the tools to meet the chalenge?*. Universidade da Pensilvania, Mestrado em Preservação Histórica, 2008.

GUICHEN, Gael de. Preventive conservation: a mere fad or far-reaching change? *Museum International*, v.51, n. 201, p. 4-6, 1999.

_____. Conservacion Preventiva: em que punto nos encontramos em 2013? . *Revista Patrimônio Cultural de España*, n.7, p. 15-24, 2013.

JOKILEHTO, Jukka. *A history of architectural conservation*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1999

KLÜPPEL, Griselda Pinheiro; SANTANA, Mariely Cabral de. *Manual de conservação preventiva para edificações*. Brasília: Programa Monumenta, 2000.

MAEKAWA, S.; BELTRAN, V.; CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de; TOLEDO, F. Climate controls in a historic house museum in the tropics: a case study of collection care and human comfort. *International Preservation News*, v. 54, p. 11-16, 2011.

MAEKAWA, Shin. Estratégias alternativas de controle climático para instituições culturais em regiões quentes e úmidas. BITTENCOURT, J.N., GRANATO, M. BENCHETRIT, S. *Museus, ciência e tecnologia (Livro do Seminário Internacional)*. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2007. p. 224-244.

Recebido em: 09/12/2014

Aceito para publicação em: 10/12/2014